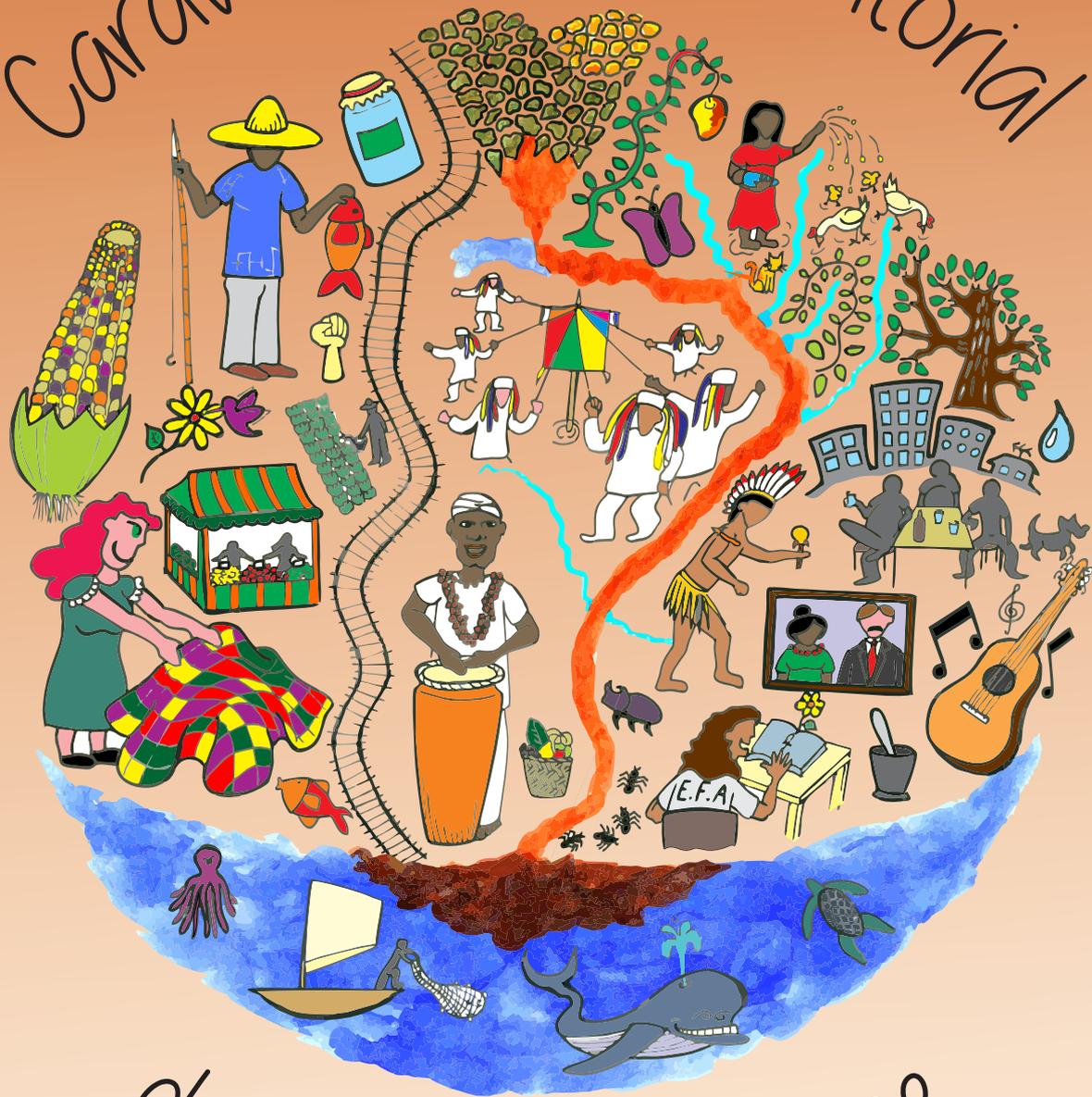


11 a 16 de Abril de 2016

# Caravana Territorial



## da Baía do Rio Doce

Caderno do(a) Participante

Texto: Eduardo Barcelos

Diagramação: Aguilton Nunes Coutinho Júnior, Maxwell Santos Fernandes, Alvin de Souza Amaral

Identidade Visual: Glauber Guimarães (Coletivo Repentistas do Desenho)

Revisão: Ramon da Silva Teixeira, Andre Burigo, Morgana Maselli e Eduardo Barcelos  
Tiragem:

Realização:



ARTICULAÇÃO  
NACIONAL DE  
AGROECOLOGIA



Associação dos  
Geógrafos  
Brasileiros  
desde 1934



associação brasileira  
de agroecologia



ABRASCO

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE COLETIVA

Apoio:

terre  
des hommes  
schweiz Oportunidades para jovens

HEINRICH BÖLL STIFTUNG

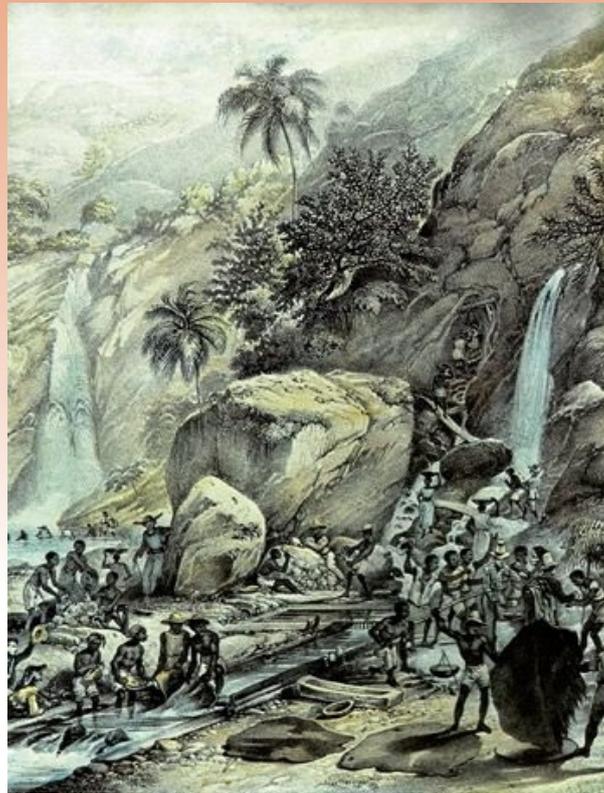


Projetos que mudam vidas

act:onaid







Gravura de Rugendas que mostra a lavagem do ouro nas proximidades da atual Ouro Preto, no século XVII, imagem do livro de Eduardo Bueno, Brasil: *Uma História - A Incrível Saga de um País*, obra pertencente à Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo, SP



Foz do Rio Doce, no momento de chegada do rejeito da Samarco, em Regência, Espírito Santo, após o rompimento da barragem do Fundão, em Minas Gerais, em novembro de 2015. Foto: Gabriela Biló/Estadão Conteúdo ES.



# Sumário

1. Palavra Inicial – Boas Vindas!
2. *Do Contexto* – Apresentação
3. *Das Caravanas* – Um exercício coletivo e popular de análise do território
4. *Do Território* – A Bacia do Rio Doce
5. *Dos Caminhos* – Por dentro das Rotas
6. *Das Reflexões* – Questões problematizadoras



## 1. Palavra Inicial – Boas vindas!

### Olá caravaneiro e caravaneira!

A partir deste momento, iremos juntos percorrer os diferentes mundos e contrastes vividos e sentidos na bacia do Rio Doce!

Estaremos pelos vales, montanhas, serras, planícies, riachos, matas, trilhas, estradas, distritos, comunidades ribeirinhas, pequenas cidades, cidades portuárias, cidades turísticas, grandes cidades, cidades históricas... pelas roças, comunidades tradicionais, escolas do campo, sindicatos de trabalhadores, mercados solidários, feiras da agricultura camponesa...

Passaremos por terras ancestrais, terras da agroecologia, terras que guardam histórias de conservação e recuperação da bacia do Rio Doce, mas também por terras maltratadas e destruídas pela mineração, pelas barragens, pela siderurgia, pela urbanização e pelas monoculturas de eucalipto, terras em disputa e em conflito.

Iremos também pela costa, pelo litoral, passando pelas praias e mangues, pelas lagoas, por assentamentos da reforma agrária, por comunidades de pescadores e pescadoras, por terras indígenas, quilombos, bairros e cidades interioranas, enfim, por espaços de vida, que agora se encontram ameaçados.

Passaremos, ao meio disso tudo, pelo rejeito tóxico, pelas barragens rompidas e por aquelas sob risco, passaremos por cavas, portos, indústrias, terras degradadas, por lugares onde vidas foram perdidas, os sonhos interrompidos, as comunidades arrasadas... passaremos em lugares onde a vida perdeu a leveza.

Estamos partindo juntos, neste momento, dos quatro cantos da Bacia do Rio Doce, rumo a Governador Valadares!

Prepare sua mala, mas deixe espaço para caber histórias de vida, de luta, de resistência, de convivência com o rio Doce e seus afluentes, com experiências de autonomia, de proteção das águas, dos solos, das muitas belezas, mas também das muitas tristezas que este território nos apresenta....

A Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce vai partir e pisar no mundo real das pessoas, mundo que guarda suas angústias, expectativas, sonhos e lutas frente ao modelo de desenvolvimento degradador e excludente, frente ao rejeito.

Daqui pra frente, teremos muitos trabalhos: relatar, filmar, analisar, refletir, conversar, escutar, mobilizar e debater sobre as experiências e histórias de vida das populações do Rio Doce. Teremos um trabalho coletivo de cuidado, de pensar o futuro para além da mineração, para além deste modelo de sociedade que cada vez mais nos afasta da natureza. Teremos um trabalho de observação e vigilância constantes, para além da Caravana. Um trabalho permanente de mobilização das populações do campo, das águas, das serras, dos mares, em busca de justiça.

**BOA CARAVANA!**



## 2. Do Contexto – Apresentação

O crime socioambiental ocorrido pelo rompimento da barragem do Fundão, de propriedade da Samarco/VALE/BHP, em Mariana, Minas Gerais, colocou em questão o modelo de desenvolvimento vigente e suas promessas. Afinal de contas, este suposto desenvolvimento é para quem e a que custo? Desenvolvimento em qual sentido? Quem é quem neste desenvolvimento? Ou melhor, o que é o desenvolvimento?

Muitas interrogações a partir destas perguntas pairam neste momento sobre a vida de diversas comunidades, famílias, pessoas e grupos que vivem na bacia do Rio Doce e que foram duramente atingidos desde o dia 5 de novembro de 2015. Perguntas quanto ao futuro, ao futuro das águas, dos peixes, dos solos, dos mangues, lagoas, praias, ao futuro dos filhos, netos, da pesca e da agricultura; quantas perguntas ainda sem resposta.



*“Algumas das poucas crianças, belas e com claros traços indígenas, estavam com diversos ferimentos abertos pelo corpo, com algum tipo de doença cutânea... (o Rio?). Conversamos com diversos moradores que se revezavam ao explicar a situação. E como a Samarco seleciona os beneficiados e todo o trabalho de fornecimento de água que vem fazendo, e sua insuficiência”.*

Ilustração de Vladmir Ospina e relato de Artur Monteiro, “Rio Doce em Traços” 2016

E isso revela não só o drama que se abateu sobre as várias realidades socioambientais da bacia, mas mostra também a embaraçosa relação do Estado com as grandes empresas, onde neste caso tem-se visto um profundo controle da Samarco/VALE/BHP sobre a situação, com estratégias de comunicação, marketing, formação da opinião, divulgação de resultados, tudo em caráter de compensação, sem garantia dos direitos fundamentais. Ah, e não podemos esquecer os financiamentos de campanha e do papel da mineração neste processo. Somente nas eleições de 2014, a VALE – que controla a Samarco – doou R\$ 22,6 milhões aos candidatos, seguido da Companhia Siderúrgica Nacional, com doações da ordem de R\$ 4,8 milhões, a AngloGold com R\$ 1,1 milhão; a Kinross com R\$ 640 mil, a Usiminas com R\$ 433 mil e a Votorantim, com R\$ 120 mil.

Estamos diante da maior tragédia-crime ambiental da história do país e do maior evento de contaminação das águas do rio Doce, o que, certamente nos convida a pensar o tamanho do problema. Mas, de outra forma, nos convida a pensar também que esta tragédia não foi a primeira e não será a última, enquanto estivermos neste caminho desenfreado de exploração da natureza e dos povos. Mais do que tudo, este crime ambiental expôs e atualizou, de várias maneiras uma história de longa duração onde situa a mineração (assim como outros megaprojetos capitalistas) como elemento central de produção de conflitos, violências, racismos e degradação ecológica em



escalas cada vez mais amplas, porém com incidência permanente sobre diferentes populações vulnerabilizadas, sejam camponesas, ribeirinhas, indígenas, quilombolas, sejam comunidades negras, de periferia, de povoados, de assentamentos rurais, de pequenas cidades.

Pelo tamanho e pela abrangência deste crime, nada parecido tinha ocorrido até então, mesmo com o histórico de rompimentos de barragens em Minas Gerais e em outros estados do Brasil nos últimos anos. O volume de rejeito despejado nas águas e solos foi desproporcional e arrasou a bacia inteira, atingindo milhares de pessoas e a produção da vida de uma forma geral. Sob este aspecto, o rompimento da barragem confirmou mais uma vez a memória suja da mineração no país, quando pautamos os casos de conflitos territoriais envolvendo grandes projetos de extração mineral.

## O Homem e o Rio

42 Km  
5/13.01 Valadares  
3/2016

*"Em distinção às cabrocas abandonadas à jusante do Rio, de Itapina em diante a seca predomina e a estiagem é marcante. A medida que o relevo se acidenta as voçorocas marcam a paisagem e a erosão se faz onipresente. Os poucos bois persistentes deixam claro o processo histórico que marcou, não apenas o fim da mata atlântica por aqui, como a atual penúria. Assim, o clima agrestino, marcado pelo rio em seu leito exposto, demarca uma dura realidade"*

*"Tal como o Doce se marca pela Vale, que leva seu nome e em troca o tinge, mata e enferruja com a EFVM, o rio também é marcado pela vida campesina. A ocupação de forma efetivamente tradicional do rio de Resplendor em diante, é impressionante. Associações de pescadores, fazendas rústicas e mesmo campos de pastagem localizados nas inúmeras ilhas sempre fizeram da subsistência alternativa e caminho para aqueles que ali nasceram. Os reais atingidos pelo desastre são de fácil contabilização - Não menos que todos."*

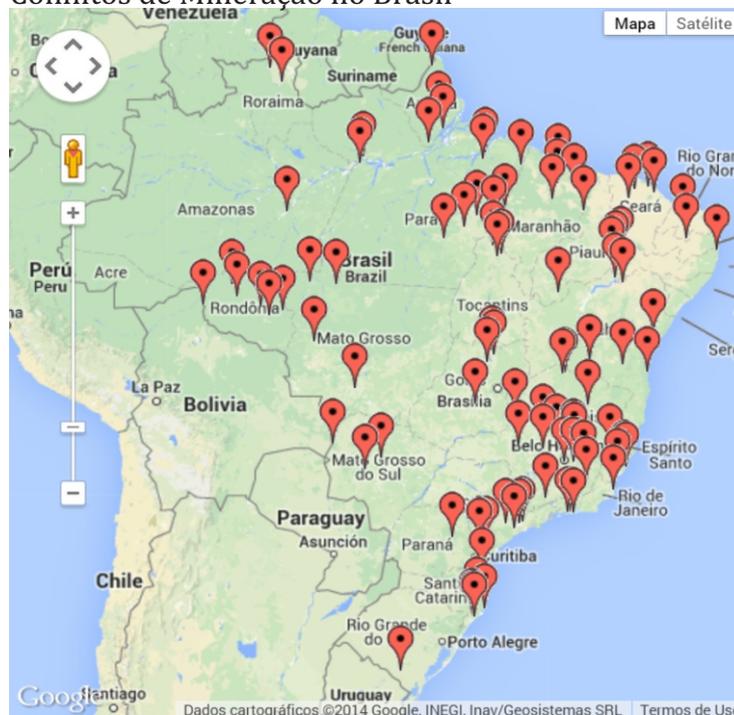
Ilustração e relatos de Artur Monteiro,  
em "Rio Doce em Traços" 2016



Em toda a América Latina, para se ter uma ideia, segundo o Observatório de Conflitos Mineiros da América Latina (OCMAL), existem atualmente na região 210 conflitos territoriais envolvendo comunidades locais e empresas de mineração, obras de infraestrutura e extrativismos aquícolas, seja na fase de extração, de beneficiamento, seja na fase de transporte e escoamento da produção. Distribuídos em 19 países, pela América do Sul e Caribe são 220 projetos envolvidos nestes conflitos, abrangendo a exploração de metais ferrosos e não ferrosos, projetos de silvicultura, de extração de madeira e obras de infraestrutura que atingem, segundo os dados, 315 comunidades.

Já o Centro de Tecnologia Mineral (CETEM) sistematizou 105 casos relativos a empreendimentos minerários no Brasil, em 22 estados e constatou diferentes impactos e riscos das atividades e operações sobre comunidades e populações locais, mostrando uma enorme conflitividade inscrita neste setor. Os casos mostram que a maioria dos empreendimentos são minas a céu aberto (55% dos casos), situadas em pequenos municípios, com até 50 mil habitantes. Os principais atingidos são comunidades de periferia urbana, que moram no território minerado ou no entorno, seguido da população ribeirinha, quilombola, pescadores e povos indígenas. A poluição das águas foi o impacto ambiental mais significativo (65% dos casos), seguido dos prejuízos ao ecossistema local (57%), assoreamento de rios (36%), poluição do ar (36%), disposição de rejeitos (35%), além do desmatamento e poluição dos solos. Cerca de 60 casos (57%) constaram a proliferação de doenças com a implantação e operação do empreendimento, seguido de questões trabalhistas (34 casos), questões fundiárias (29), crescimento populacional (24) e aumento da violência em 13 casos. Já com relação à fonte de contaminação por substâncias perigosas, os metais pesados tóxicos lideram o ranking da contaminação, seguido do cianeto, mercúrio, asbesto e metais radioativos. E no caso dos conflitos judicializados, 45 casos estão com recurso no Ministério Público Federal (MPF) e 15 deles assinaram Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) como solução extrajudicial do conflito.

#### Conflitos de Mineração no Brasil

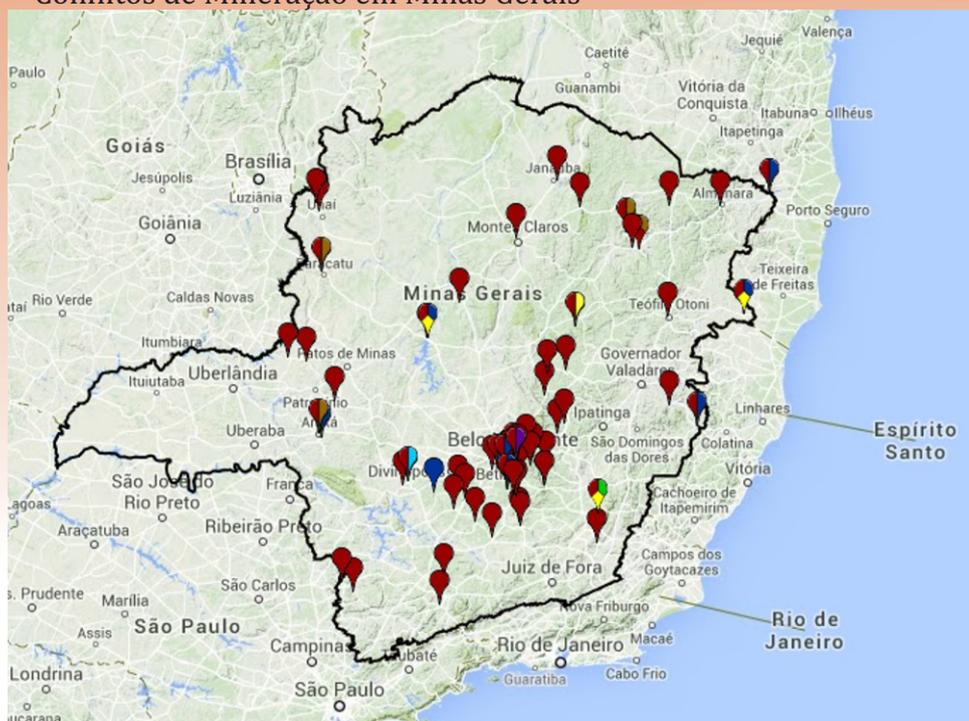


Fonte: Mapa de Conflitos envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil.

Disponível em: [www.conflitoambiental.icict.fiocruz.br](http://www.conflitoambiental.icict.fiocruz.br)



## Conflitos de Mineração em Minas Gerais



Fonte: Mapa de Conflitos Ambientais de Minas Gerais  
Disponível em: <http://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/>

Outras leituras compartilham este contexto de profunda vulnerabilidade e desigualdade. O Grupo Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) aponta uma “relação estrutural entre eventos de rompimento de barragens de rejeitos e os ciclos econômicos da mineração. Há indícios de que existe um aumento do risco de rompimento de barragens no novo ciclo pós-*boom* do preço dos minérios. Essa relação estaria associada à aceleração dos processos de licenciamento ambiental e à pressão sobre os órgãos licenciadores na fase de preços elevados, bem como à intensificação da produção e pressão por redução de custos no período de redução dos preços. Alguns desses elementos podem ser identificados no desastre tecnológico da Samarco/Vale/BHP e seu caráter estrutural sugere que outras empresas podem estar provocando situações de risco semelhantes”. O Grupo aponta também que as tecnologias de beneficiamento de minério avançaram muito mais rapidamente do que as tecnologias de tratamento, e desta forma a mineração tem conseguido lavrar minérios com teores mais baixos, gerando uma quantidade cada vez maior de rejeitos, e demandando, ao mesmo tempo mais barragens. “Esse cenário indica, portanto, que falhas de barragens continuarão a acontecer, porém com impactos em escala ampliada. Muitos destes elementos aparecem de modo específico no desastre em questão e nas formas de operação das empresas envolvidas diretamente”, aponta o relatório do Grupo<sup>1</sup>.

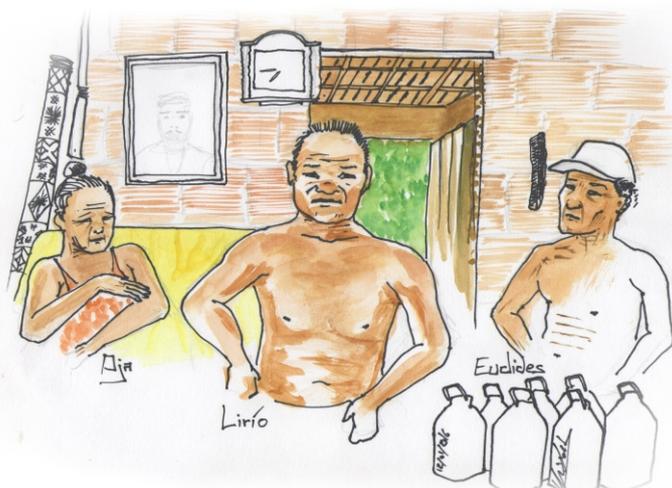
É neste contexto de conflitos, de vulnerabilidades e de perdas territoriais, e motivados pelo sentimento de justiça, de luta, de visibilidade, de enfrentamentos e de resistência, que surgiu a ideia de organizar uma *Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce*. A Caravana é uma iniciativa coletiva de diversas organizações, redes, coletivos e movimentos sociais envolvidos e articulados direta e indiretamente no crime/tragédia/desastre ocorrido pelo rompimento da barragem de rejeitos da Samarco/VALE/BHP, em Mariana-MG. A

<sup>1</sup>Disponível em <http://www.ufjf.br/poemas/files/2014/07/PoEMAS-2015-Antes-fosse-mais-leve-a-carga-vers%C3%A3o-final.pdf>



partir de uma abordagem territorial ampla e independente, o objetivo da Caravana é produzir – a partir de diferentes rotas a serem percorridas ao longo da Bacia – leituras compartilhadas sobre a tragédia/crime, analisar seus impactos, fortalecer diferentes lutas territoriais, experiências solidárias e outras economias, mobilizar ações de denúncias e reivindicações, problematizar o modelo de desenvolvimento na região, apontar saídas, alternativas e experiências para um modelo mais justo, ecológico e solidário, e ampliar o diálogo com a sociedade. A ideia é realizar uma caravana articulando as várias redes, movimentos sociais e entidades nos principais territórios atingidos pelo rejeito e também em outros territórios, culminando com um amplo evento de socialização, sistematização e debate público, na cidade de Governador Valadares, Minas Gerais, que nos tempos de outrora era chamada de Figueira do Rio Doce.

Cada Caravana é uma construção! Assim, esperamos que esta possa trazer novos elementos, reflexões e intervenções que transformem efetivamente esta realidade.



*"A tradução da palavra Krenak, vinda do idioma homônimo, significa cabeça na terra, remetendo a consciência de nossa ligação, e total dependência, para com a natureza circundante. Essa região marca, até mesmo pela natureza primeira de seu significado, onde a dissociação do ambiente natural é impossível uma vez que se consideram um com o meio. Além da beleza das montanhas por onde nos perdemos por horas na intenção de alcançar Conselheiro Pena, a região é enriquecida pelo cenário das montanhas da margem oposta do rio, recortada pelos pontões do Parque Estadual dos Sete Salões."*

Ilustração de Vladimir Ospina e relato de Artur Monteiro, "Rio Doce em Traços" 2016





A proposta desta Caravana é que as diferentes redes, movimentos sociais e organizações de determinados territórios se preparem para apresentar e debater a realidade da disputa territorial em torno do crime-tragédia e de demais experiências ao longo de toda a Bacia do Rio Doce, com diferentes delegações compostas por agricultores/as, moradores/as da bacia, representantes de povos e comunidades tradicionais, estudantes, sindicalistas, assessores/as e comunicadores populares, vindas de Minas Gerais e do Espírito Santo, além de outros estados. Além de proporcionar ambientes para o debate entre diferentes organizações, para diálogos e convergências, a Caravana será uma oportunidade para a produção de materiais de comunicação e sistematização voltados para divulgação a amplos segmentos da sociedade das experiências territoriais visitadas e da síntese dos debates realizados, além de dar novos significados para a denúncia da tragédia-crime. Isso incidirá em narrativas descentralizadas e autônomas, deslocando as tentativas de minimizar o problema e problematizando a bacia por meio de sua *gente*.

Com este propósito, esta Caravana funcionará como exercício político-pedagógico para a construção de um “novo olhar” sobre as experiências de conflito e de resistência na bacia, tomando como ponto de partida a tragédia-crime em Mariana. A partir das distintas rotas e da culminância em Governador Valadares, esta nova perspectiva de olhar territorial propõe uma visão integradora entre as diferentes dimensões referenciadas à realidade dos territórios. Esta é a inspiração e a aposta pedagógica prevista na Caravana: fomentar processos de reflexão e problematização coletiva da realidade a partir de situações e problemas postos pelas populações/grupos/classes sociais da bacia do rio Doce.



*"Pouco antes da cidade de Ponte Nova avistamos o exato ponto de nascimento do Doce. Margeamos o Piranga e vimos o laranja do Carmo adentrar nos morros, os quais terminaríamos de circundar apenas no dia seguinte. (...), suas águas seguiam, entre morros preservados e cidades históricas, também preservadas, como Barra Longa e um sem número de distritos, quase todos esses atingidos pela lama. Muitos perderam suas casas, alguns familiares, mas todos deixaram suas história... suas vidas. O acesso difícil nos fez ir pelas escarpas dessa serra de alturas à antiga Vila Rica, uma vez central operacional da mineração, ainda hoje devastadora."*

Ilustração e relato de Artur Monteiro, "Rio Doce em Traços" 2016



Mergulhados neste contexto, o exercício proposto nesta construção é uma mistura de *denúncia* – do hoje, do presente, dos conflitos, das disputas, *daquilo que estamos vivendo*, daquilo que ameaça e vulnerabiliza experiências comunitárias e populares, os ambientes, as praias, os mangues, as águas, as serras – com *anúncio* – das resistências, de outras economias, de práticas comunitárias, ou seja, aquilo que nos indica novos horizontes de sentido, mais saudáveis e solidários para a bacia como um todo, aquilo que potencializa e fortalece a *vida em comunidade*. Nesta direção, a Caravana propõe um exercício dialogico-problematizador, expressando aquilo que Paulo Freire chamou de *ação dialógica*, onde não é possível anúncio sem denúncia — e ambos sem o ensaio de certa posição crítica em face do que está ou vem sendo a realidade.



*"Das dezenas de famílias que frequentavam a escola, o bar e a mercearia, que cultivavam sua comida e iam ao ginásio, pouco mais de 3 pessoas resistem, mais por falta de opção, que por apego vazio por algo que não mais existe. Nada em caminhada terrena me preparou para me deparar com tamanha descrença. Em vários momentos da viagem sentia que devia seguir adiante, representar e desenhar as histórias que via, alimentar a luta contra a impunidade que parece ser sinônimo de governança. Ir mais para dentro, mas para cima, mais para o Brasil. Todavia, em Paracatu, vendo o que vi, foi que decidi concretizar essa singela publicação que conta a história de todos nós. Ao que todos estamos submetidos de uma forma ou de outra. Sem o Doce, o Brasil e nós somos menos."*

Ilustração de Vladimir Ospina e relato de Artur Monteiro, "Rio Doce em Traços" 2016



O exercício de diálogo que estamos realizando desde o rompimento da barragem, em novembro de 2015, junto a diversas organizações, coletivos, grupos acadêmicos, movimentos sociais, associações científicas e profissionais, sindicatos, cooperativas, grupos de assessoria popular, comunicadores, moradores, e a amplitude dos diálogos a que chegamos nos últimos cinco encontros preparatórios, onde foi possível reunir, em diferentes momentos mais de 30 organizações de diversos cantos de Minas Gerais e Espírito Santo, reforçou a necessidade de fortalecermos nossas alianças estratégicas e de renovarmos nossos métodos de *ação convergente*.

O campo de disputa colocado no contexto deste crime socioambiental deixa claro a profunda desigualdade e injustiça existente entre a ação das empresas e corporações da mineração e a população atingida pelo rejeito. Desde o rompimento da barragem, a Samarco/Vale/BHP tem forçado acordos extrajudiciais, prorrogado prazos de entrega de documentos e estudos, fragmentado o conjunto das populações atingidas, além de não ter cumprido condicionantes importantes de segurança e do próprio licenciamento ambiental da barragem e o não reconhecimento (rebaixamento) dos atingidos.

Há ainda uma disputa intensa pelos significados e sentidos da mineração na vida da população, ou seja, pela concepção de que não há possibilidade de vida, de economia, de trabalho, de renda, de existência para além da mineração, sendo ela mesma algo irreduzível e inquestionável. E isso tem se configurado numa violenta chantagem imposta aos grupos e populações em luta contra a megamineração, principalmente pela invisibilidade, pela indiferença com que se trata os questionamentos e críticas ao modelo mineral dominante e em curso em todo o país.

Neste sentido, os diálogos que ancoraram nossas reflexões deixaram claro que os temas, questões, lutas, estratégias e propostas que identificam os diversos movimentos e grupos sociais e suas bandeiras de luta, integram-se de forma convergente na crítica e no enfrentamento do modelo de desenvolvimento em curso, que privilegia os mega projetos, os grandes empresários, o agronegócio e os bancos, em detrimento da população local, no campo e na cidade, fazendo deste padrão um mecanismo de expropriação imposto pelo capital nos territórios. As convergências até aqui construídas mostram que o modelo de desenvolvimento imposto pela mineração, pelas barragens, pela siderurgia, pelo petróleo e grandes propriedades ao longo da bacia tem gerado forte degradação ambiental, destruição dos meios de vida e de trabalho de populações camponesas, de pescadores e populações tradicionais, uso abusivo da água, por meio de minerodutos, privilégios locais, expansão de monoculturas (eucalipto) e pastagens e priorização da lógica exportadora de commodities junto aos diferentes governos. As críticas convergiram também para um acirramento dos conflitos e impactos sobre as mulheres, a população negra e grupos etnicamente diferenciados, mostrando a repetição dos padrões de dominação histórico e colonial em nosso país.

Partindo deste ponto em comum e tomando o contexto do crime socioambiental, ou do desastre tecnológico, conforme vem sendo classificado por alguns grupos acadêmicos, evidencia-se a necessidade de intensificarmos e multiplicarmos as práticas de diálogos e convergências desde a escala regional, articulando a multiplicidade de leituras críticas ao

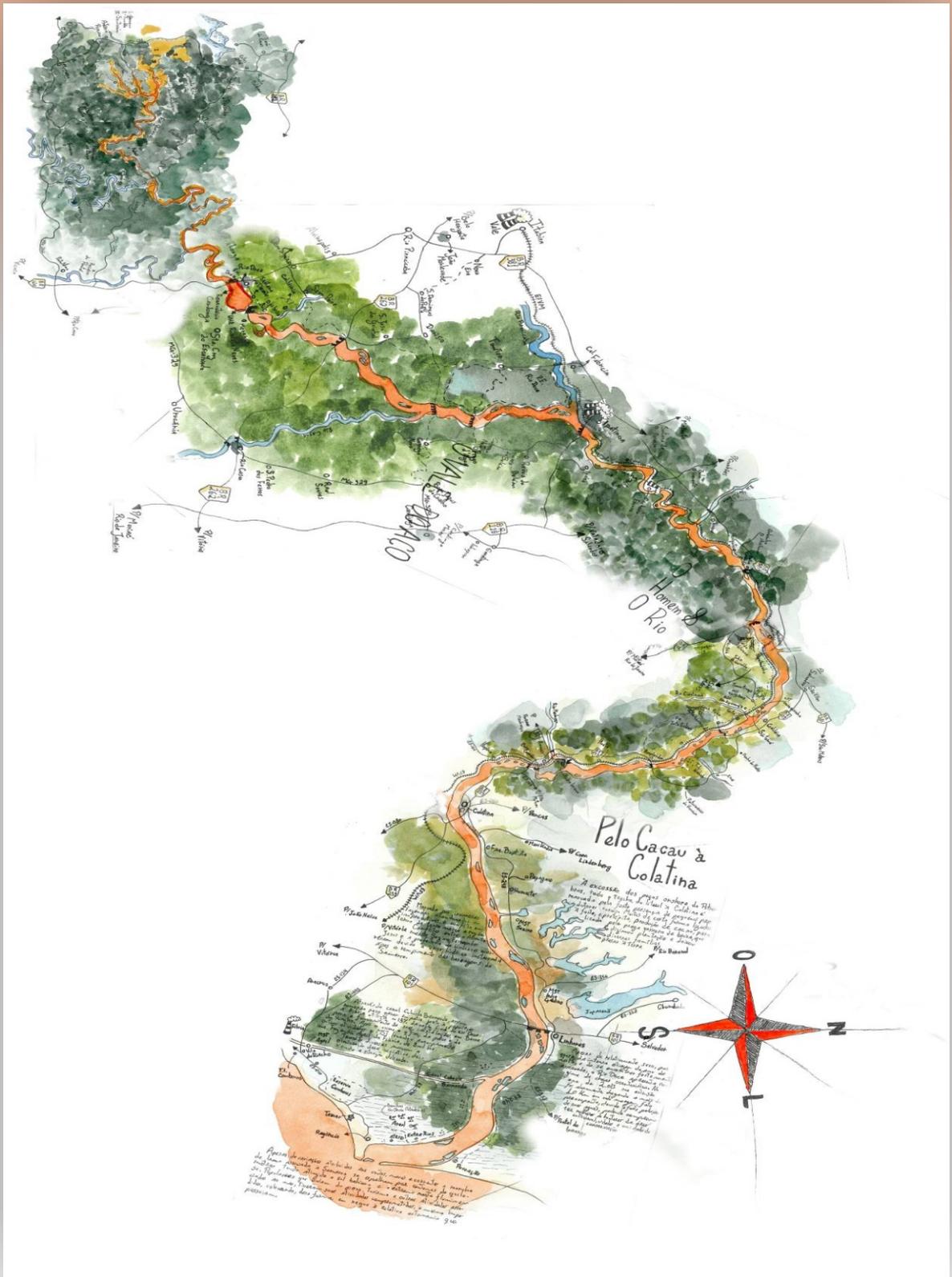


modelo vigente, e, de modo convergente, fortalecer as lutas locais de resistências frente às disputas territoriais materializadas na forma de conflitos socioambientais.

A natureza local e diversificada de nossas lutas vem até hoje facilitando as estratégias de invisibilização pelos setores hegemônicos e beneficiários do modelo. Esse fato nos indica a necessidade de atuarmos de forma articulada, incorporando formas criativas de denúncia, promovendo a visibilidade dos conflitos e das proposições que emergem das experiências populares. Estas convergências pulsam no sentido de construir novas autonomias, novos enfrentamentos e sujeitos, mas que, ao final, possa apoiar a construção de novas narrativas e práticas que superem este processo de adoecimento com que a bacia se encontra. Esperamos que estas convergências possam iluminar novas alianças entre grupos, fortalecer a organização popular, e garantir, acima de tudo, o encontro destas lutas em torno da defesa da bacia do rio Doce.



# 4. Do Território - A Bacia do Rio Doce





## Breve contextualização da Bacia do Rio Doce

De acordo com o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Doce, a área total da bacia é de 86.715.000 hectares, dos quais 86% estão no Leste mineiro e 14% no Nordeste do Espírito Santo. Em Minas, a bacia do rio Doce é formada por diferentes sub-bacias, com destaque para a bacia do rio Piranga, rio Casca, rio Santo Antônio, rio Piracicaba, rios Suaçuí Grande e Pequeno, rio Caratinga, rio Manhuaçu, além de diversos afluentes e tributários menores que alimentam a bacia como um todo. No Espírito Santo, destaque para as sub-bacias dos rios Santa Maria do Doce, Guandu e São José.

O rio Doce tem extensão de 879 quilômetros e suas nascentes estão em Minas, nas Serras da Mantiqueira e do Espinhaço. O relevo da bacia é ondulado, montanhoso e acidentado. Desde o século XVII, uma das principais atividades econômicas foi a extração de ouro, que determinou e impôs a ocupação da região e, ainda hoje, a exploração minerária continua com as minas de ferro, cuja ocorrência se concentra na região do alto rio Doce, na borda leste do Quadrilátero Aquífero. Neste aspecto, os rios da região funcionam, ainda, como canais receptores e transportadores de rejeitos e efluentes, muitos dos quais tóxicos, como os efluentes da indústria siderúrgica (USIMINAS - Ipatinga) ou da indústria celulósica-papeleira (CENIBRA - Belo Oriente).

A população da Bacia do rio Doce, estimada em torno de 3,5 milhões de habitantes, está distribuída em 228 municípios, sendo 202 mineiros e 26 capixabas. Mais de 85% desses municípios têm até 20 mil habitantes e cerca de 73% da população total da bacia concentra-se na área urbana. Nos municípios com até 10 mil habitantes, 47,75% da população vive na área rural. As bacias do Piranga e do Piracicaba, com o maior Produto Interno Bruto (PIB) industrial, concentram aproximadamente 48% da população total.

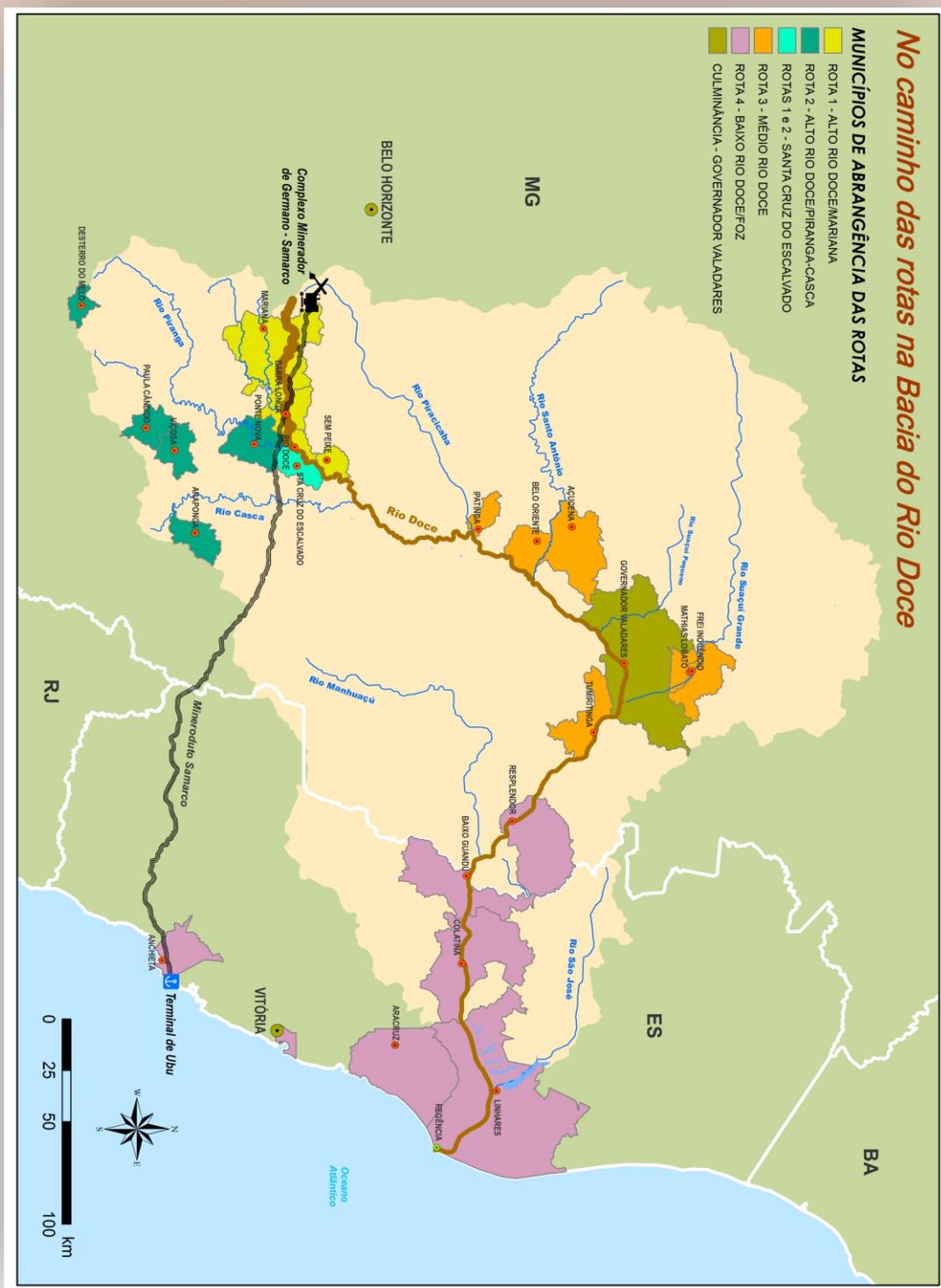
A atividade econômica na área é pouco diversificada, porém dominada pelo setor minero-metalúrgico e logístico. Na agropecuária, lavouras tradicionais, cultura de café, cana-de-açúcar, criação de gado de corte e leiteiro, suinocultura, dentre outras. Na agroindústria, sobretudo a produção de açúcar e álcool. A região possui o maior complexo siderúrgico da América Latina, ao qual estão associadas empresas de mineração e grandes propriedades com monoculturas de eucalipto. Destacam-se, ainda, indústrias de celulose e laticínios, comércio e serviços voltados aos complexos industriais, bem como geração de energia elétrica, no caso das barragens hidroelétricas.

Possuindo rica biodiversidade, a Bacia do Rio Doce tem 98% de sua área inserida no bioma de Mata Atlântica, um dos mais importantes e ameaçados do mundo. Os 2%



restantes são de Cerrado. Pode ser considerada privilegiada, ainda, no que se refere à grande disponibilidade de recursos hídricos, especialmente no passado, mas há enormes desigualdades e variações climáticas entre as diferentes regiões da bacia.

## 5. Dos Caminhos – Por dentro das Rotas – Programação



Dia	Repertório de Experiências e Atividades	Território(s) de referência	Municípios de abrangência
10/04	Acolhida dos/das participantes na casa dos/das atingidos/as		
11/04	<p>1- <i>Ato público no centro histórico de Mariana</i></p> <p>2 - <i>Percurso pela MG-129</i>: observação do Complexo de Mineração no Distrito de Antônio Pereira, vista da Barragem de Germano, vista do Complexo de Mineração Alegria e unidades industriais.</p> <p>4 - <i>Visita pela comunidade Morro da Água Quente</i>: (i) roda de conversa: a luta das mulheres na Mineração – relato das lutas contra a VALE no Morro da Água Quente, protagonizadas historicamente pelas mulheres.</p> <p>5 - <i>Avaliação e memória do dia</i>: (i) roda de conversa e planejamento do dia seguinte.</p>	Cidade de Mariana, Comunidade Morro da Água Quente	Mariana, Catas Altas
12/04	<p>1 - <i>Vivência em Bento Rodrigues</i>: (i) visita guiada por atingidos e ex-moradores de Bento Rodrigues</p> <p>2 - <i>Vivência em Paracatu de Baixo e Pedras</i>: (i) visita guiada por ex-moradores da comunidade. (ii) roda de conversa sobre agroecologia e criação de gado em pequena escala para produção de laticínios como alternativa de trabalho à mineração na região.</p> <p>3 - <i>Avaliação e memória do dia</i>: (i) roda de conversa e planejamento do dia seguinte.</p>	Comunidades de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Pedras; Escola Família Agrícola de Acaiaca	Mariana, Acaiaca



Dia	Repertório de Experiências e Atividades	Território(s) de referência	Municípios de abrangência
13/04	<p>1 – <i>Visita aos locais urbanos atingidos em Barra Longa:</i> (i) percurso no centro da cidade e nas margens do rio do Carmo e Gualaxo do Norte</p> <p>2 – <i>Encontro com moradores e atingidos em Barra Longa:</i> (i) roda de conversa com os atingidos da área urbana de Barra Longa. Além dos relatos de como as pessoas vivenciaram os momentos de pânico, queremos focar no processo de auto-organização que está sendo feito, coordenado pelo MAB. O tema do dia será Direito dos Atingidos.</p> <p>3 – <i>Visita a Comunidade de Gesteira, Barra Longa:</i> (i) visita guiada por atingidos de Barra Longa.</p> <p>4 - <i>Avaliação e memória do dia:</i> (i) roda de conversa e planejamento do dia seguinte.</p> <p>5 – <i>Noite Cultural</i></p>	Cidade de Barra Longa, Comunidade de Gesteira, Escola Família Agrícola de Acaiaca	Acaiaca, Barra Longa
14/04	<p>1 – <i>Visita a Hidrelétrica de Candonga, atingida pelo rejeito, em Santa Cruz do Escalvado:</i> (i) roda de conversa com atingidos sobre Modelo Energético e Mineração.</p> <p>2 – <i>Visita aos locais atingidos no município de Rio Doce</i></p> <p>3 – <i>Vista aos locais atingidos no município de Sem Peixe</i></p> <p>4 – <i>Roda de conversa com os agricultores da região na EFA de Sem Peixe</i></p>	Área atingida pela UHE Candonga, áreas atingidas nos municípios de Santa Cruz do Escalvado, Rio Doce e Sem Peixe	Santa Cruz do Escalvado, Rio Doce e Sem Peixe
15/04	Culminância	Assentamento Oziel Alves Pereira e cidade de Governador Valadares	Governador Valadares
16/04			





Dia	Repertório de Experiências e Atividades	Território(s) de referência	Municípios de abrangência
13/04	<p>2 - Visita as comunidades. A proposta é dividir os participantes em 3 grupos, cada um visitará uma experiência. Quais sejam:</p> <p>1) Visita à propriedade do Paulinho</p> <p>2) Visita à propriedade da EFA Puris</p> <p>3 - Seminário no auditório da Economia Rural</p> <p>4 - Caldo e PERNOITE no CTA-ZM</p>		Paula Cândido, Araponga, Viçosa
14/04	<p>1 - Visita à Escola Nacional de Energia Popular (ENEP)</p> <p>2 - Visita Barragem de Candonga + Xopotó, depois conversa sobre as experiências (Haverá um lanche nesse momento)</p> <p>3 - Mística com os grupos Ganga Zumba, Herdeiros do Banzo e Zimbabuê na Praça das Palmeiras</p> <p>4 - Plenária com Sindieletro, Comitê de Bacias, Projeto APP (Prefeitura de Ponte Nova), MAB e representante da Caravana do Rio Doce</p>		Viçosa, Ponte Nova
15/04		Assentamento Oziel Alves	
16/04	Culminância	Pereira e cidade de Governador Valadares	Governador Valadares





<b>Dia</b>	<b>Repertório de Experiências e Atividades</b>	<b>Território(s) de referência</b>	<b>Municípios de abrangência</b>
13/04	3 - Roda de conversa na casa da Dona Divina sobre a experiência da associação das quitandeiras da comunidade.		Ipatinga e Governador Valadares
14/04	1 - Roda de conversa com assentados e ribeirinhos atingidos pelo rompimento da barragem de rejeitos da Samarco.  2 - Apresentação da experiência da catalogação, conservação e melhoramento de sementes crioulas do Sr. Roberto, agricultor guardião da agrobiodiversidade.  3 - Roda de conversa com assentados e ribeirinhos atingidos pelo rompimento da barragem de rejeitos da Samarco.  4 - Mística de abertura da culminância e apresentação da história da luta pela terra no Vale do Rio Doce		Governador Valadares
15/04			
16/04	Culminância	Assentamento Oziel Alves Pereira e cidade de Governador Valadares	Governador Valadares





## 6. Das Reflexões – Questões Problematicadoras

No decorrer das rotas, os debates poderão ser realizados a partir de um conjunto de questões problemáticas sobre as realidades dos territórios e das experiências. Sugerimos algumas questões, organizadas segundo alguns eixos de observação e análise das experiências, mas outras questões poderão ser agregadas em função do contexto observado. Estas questões podem ser lançadas durante a interação com as experiências, e, sobretudo nas rodas de conversa e/ou nas aulas públicas. Vamos lá!

### Modelo de desenvolvimento

- Quais são os projetos de desenvolvimento em disputa no território? Quais as implicações, impactos e riscos percebidos na vida da população?
- Como se expressam os conflitos socioambientais no território (características, sujeitos, escalas, duração, abrangência)? (observar os conflitos com unidades de conservação, empreendimentos públicos e privados, especulação imobiliária, agronegócio, mineração, barragens, etc).
- Como a mineração, a siderurgia, as grandes obras e a expansão urbana bloqueiam ou restringem as experiências e a vida comunitárias?
- Quais experiências e práticas de resistência contribuem para o enfrentamento do modelo de desenvolvimento dominante?

### A luta pela Terra e pela Reforma Agrária

- Como se caracterizam os processos de acesso a terra na região?
- Quais lutas e sujeitos estão presentes nestes processos?
- Quais as contribuições das experiências vivenciadas para a garantia do direito de acesso à terra, aos direitos territoriais e aos bens comuns no território?

### Educação Popular e Cultura

- Quais as experiências de educação formal (dentro das escolas) ou informal (fora das escolas) foram observadas? (Exemplo: EFAs, Escolinhas Sindical, Programas de Formação, Grupos e Educação Ambiental)
- Os processos de ensino aprendizagem são promovidos em nível comunitário?
- Como são construídos e socializados os conhecimentos aplicados nas experiências?
- Quais metodologias são utilizadas?
- Quais as expressões culturais foram observadas? (Alimentação, arte, ritos etc.).

### Outras economias

- Quais são e como se caracterizam as *economias* diretamente envolvidas nas experiências?
- Quais são as fontes de renda das famílias diretamente envolvidas nas experiências? Como as experiências contribuem para a ocupação produtiva dos membros da família e vizinhos?
- Qual a contribuição das experiências visitadas para a dinamização dos mercados locais e regionais, em termos de geração, circulação e distribuição da riqueza gerada no território?





## PROGRAMAÇÃO CULMINÂNCIA – Governador Valadares

Dia	Atividade	Local
14/04	17:00 – Acolhimento no Centro de Formação do MST Francisca Veras 19:00 – Jantar 20:00 – Mística de abertura da Culminância e apresentação da história da luta pela terra no vale do Rio Doce	Assentamento Oziel Alves Pereira
15/04	07:00 – Café da manhã no Assentamento Oziel Alves Pereira 08:00 – Interação com a Feira da Agricultura Familiar Agroecológica de Governador Valadares 10:00 – Montagem das instalações pedagógicas das rotas na Praça dos Pioneiros 12:00 – Almoço na praça junto com a Feira Regional da Economia Popular Solidária 13:00 – Instalações pedagógicas e socialização das experiências das rotas 15:00 – Cafezinho com broa na praça 15:30 – Mesa política: Mineração, Desenvolvimento e Água 17:30 - Debate 19:00 – Apresentação cultural: grupos folclóricos de Penha do Cassiano Jantar e pernoite no Assentamento Oziel	Praça dos Pioneiros, centro da cidade de Governador Valadares
16/04	07:30 – Café da manhã no Assentamento Oziel Alves Pereira 09:00 – Ato Público na Praça dos Pioneiros	

### Acordos Coletivos

#### **Camaradas!**

Aqui vão algumas recomendações a serem acordadas com todos/as os/as participantes da caravana, a fim de promover o melhor convívio, e alguns cuidados importantes para a nossa metodologia. Coletivamente vão se criando novos acordos. Lembrando: sempre que sentir necessidade de fazer um novo acordo, manifeste-se!

**Atenção!** Leve seu quite caravaneiro: colchonete, barraca/saco de dormir, roupa de cama, toalha, blusa de frio, repelente, prato, copo e talheres. Leve também materiais de higiene pessoal.

**Importante para a Rota Mariana:** para as visitas à Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Pedras é necessário estar com sapato fechado, de preferência bota de borracha.



**Todos, sem exceção, são responsáveis pelo processo de construção da Caravana! Este momento é nosso, tem a nossa cara e deve ser vivido com intensidade e autonomia.** Assim, tenha atitudes a somar a este processo!

**Observe ao seu redor!** Ninguém gosta de sujeira, então, ajude na harmonização dos espaços! Somos todos livres! Mas durante a caravana temos de estar ativos para movimentar a mesma! Evite drogas, qualquer uma delas. Também, não fume em locais públicos e coletivos, ônibus ou lugares visitados.

**Olha a hora!** Vamos sempre tentar fluir com a programação, um atraso aqui muda o ritmo da caravana toda! Vamos tentar sempre fazer as reflexões no fim das atividades, ou no final de cada dia! Seu registro individual é muito importante pro coletivo.

### *Reflexões em Grupo*

Uma forma de avaliação e socialização do dia, em cada rota, e também de relatar as atividades através do olhar de todos os/as caravaneiros/as, é a *reflexão em grupo*. Este momento é fundamental para que nossa experiência possa ser compartilhada e dialogada com toda a sociedade. E para isso temos algumas pistas que podem nos ajudar a pensar como conduzir e participar dos processos de diálogo e vivências durante a Caravana.

No fim de cada dia, sugere-se que cada rota realize um momento de socialização das experiências vividas. Abaixo algumas dicas

**Aulas Públicas:** é uma forma de interação mais ampla e que pode aglutinar diferentes sujeitos e perspectivas sobre as situações e contextos vividos. Constitui um importante instrumento de *reflexão pública e coletiva* e busca exercitar – a partir do trabalho em grupo e das temáticas propostas – uma concepção horizontal e protagonista de reflexão-construção-socialização do conhecimento/saberes/práticas e de leitura da realidade. Normalmente, são realizadas em espaços públicos ou comunitários, como praças, associações, escolas, universidades, feiras, ruas. Nestas aulas, as temáticas (água, acesso a terra, conflitos, modelo de desenvolvimento, resistências, gênero) poderão ser definidas a partir das experiências observadas ao longo do percurso da rota e dos problemas locais identificados pelo “olhar da Caravana” e dos grupos/movimentos e coletivos envolvidos. Normalmente a coordenação da aula atua como um “provocador” e/ou facilitador dos debates, tentando garantir uma reflexão ampla e que possa trazer diferentes elementos para a temática em questão. Ou seja, não se trata de “palestra”, o importante é estimular a reflexão coletiva sobre os problemas/situações observados e vividos. Neste sentido, poderão ser utilizadas diferentes metodologias como painel de fotos, mural de mapas, ilustrações, rodas de conversa, apresentação de slides, exibição de vídeos, performance de grupos musicais, teatrais, seção de depoimentos, cantorias, falas abertas entre outras.

**Rodas de Conversa:** essa é outra possibilidade de socialização das experiências. Como promover um momento de interação e de avaliação cotidiana entre os/as caravaneiros/as para proporcionar uma reflexão conjunta e aprofundada sobre suas *impressões, observações e opiniões*? As *Rodas de Conversa* abrem possibilidades para que os sujeitos envolvidos na rota possam estabelecer um espaço de diálogo e interação – ampliando suas percepções sobre si e sobre o outro – ao produzir sínteses e leituras compartilhadas sobre situações, experiências e processos vivenciados



coletivamente ao longo de *cada dia* nas rotas. A ideia das rodas é produzir um “incremento do diálogo”, cotidianamente, para além dos diálogos realizados durante a rota, ao qual permitirá um detalhamento e aprofundamento das experiências. Para garantir este incremento e detalhamento, as rodas de conversa poderão ser organizadas *ao final de cada dia* da Caravana, e preferencialmente em grupos menores. Pode-se separar todos/as participantes em grupos de 7 pessoas. Dando um tempo limite, cada grupo deve fazer uma rápida reflexão sobre as questões problematizadoras e o que foi observado nos locais visitados. Depois, o grupo escolherá uma palavra (pode ser um pequeno texto, mas algo bem objetivo) que caracterize a luta do local visitado. Esta palavra/texto, pode ser apresentada para todos, por um integrante escolhido pelo grupo.

**Atenção!** As reflexões são importantes para a construção da caravana, pois promove a troca de ideias entre os participantes, e também, trará questões a serem debatidas no ponto de Culminância.

### *O que são Instalações Pedagógicas e como participar?*

As Instalações Pedagógicas são espaços metodológicos, artísticos, criativos e dinamizadores de diálogos e socializações, montadas para provocar reflexões a partir dos sentidos para determinado tema, problemática ou situação e que serão o ponto de partida para a discussão de sentires e saberes sobre o que podem representar. De maneira lúdica e sensorial, esta metodologia facilita a representação dos territórios e seus processos sociais, econômicos e políticos, os conflitos e experiências de resistência. Sua montagem visa a construção de cenários que guardam aspectos de uma instalação artística em sua dimensão estética, multiplicidade de “suportes e materiais” utilizados e, na espacialização que monta e desmonta conforme o contexto. Podem representar diferentes situações, impactos, populações, perdas, paisagens, experiências agroecológicas, de educação do campo, práticas, formas de manejo da natureza, ou seja, podem representar aquilo que está sendo e efetivamente *vivido*

Os acúmulos e denúncias das diversas rotas serão levados ao ponto de culminância em Governador Valadares, com o principal objetivo de subsidiar as análises sobre a Bacia do Rio Doce, socializar as disputas territoriais, conflitos e resistências, outras economias, comunidades a partir das distintas realidades vivenciadas pelos/as participantes.

Como funcionarão? Cada rota irá identificar, recolher, discutir e planejar o uso de elementos, materiais (mapas, fotos, alimentos, sementes, rejeito), símbolos, cheiros, sons, gostos e demais sentidos para representação das experiências observadas ao longo dos dias de vivência nas rotas.

Na sexta de manhã, no dia 15, na Praça dos Pioneiros, as 10:00hs, simultaneamente à vivência na Feira da Agricultura Familiar Agroecológica de Governador Valadares, teremos o desafio coletivo de montar nossa instalação pedagógica! Teremos duas horas para fazer isso, antes do almoço, ao 12:00hs! Assim, todos/as nós, cada rota terá contribuições a fazer e será protagonis



protagonista desta montagem. Vamos tentar montar um espaço que tente reproduzir aquilo que foi vivido nos quatro dias anteriores. E lembrem-se, será num espaço público, e deste modo é muito importante escolher e recolher materiais ao longo do caminho que possam dar “recados” às pessoas que estiverem passando por lá, que possam contar a experiência da rota! Esses elementos devem ser levados para Governador Valadares. Ao final do período de montagem, abrimos a instalação para toda a Caravana e posteriormente para a população de Governador Valadares! Cada rota precisa tirar pelo menos 2 monitores que apresentarão as discussões da instalação para os/as visitantes.

Apostamos que a culminância será um dos momentos de maior intensidade política e pedagógica, na formulação de proposições, na visibilidade de lutas e projetos contra-hegemônicos, na visibilidade de outras economias, na denuncia de conflitos e desigualdades. E como esta Caravana nasce no contexto do crime socioambiental da Samarco/VALE/BHP teremos também o desafio de manter essa memória viva e dialogar com a população nosso ponto de vista sobre a tragédia-crime. Assim, durante a vivência na instalação é importante que cada um de nós contribua no diálogo junto as pessoas que estiverem passando pela praça. Ali será um momento importante também de interagir com a cidade a partir de nossa experiência.

No nosso caso, é muito importante que cada caravaneiro/a possa percorrer toda a ambiência da instalação e interagir com a totalidade das rotas e das experiências representadas, buscando um momento dialógico-problematizador sobre as situações e contextos da bacia. Em cada rota, teremos mediadores e pessoas de referência para nos explicar como foram as experiências vividas nos territórios! Portanto, não se esqueça: este é um momento de troca, de diálogos, de interações, de interrogações, de aprendizados!

### *E a Comunicação!*

A **Comunicação** é a forma de todos saberem o que aconteceu em todas as rotas. Assim, no início da Caravana identifique quem serão os comunicadores “oficiais” e contribua com eles/elas: os fotógrafos, os filmadores, os relatores de texto e o facilitador gráfico. Cada rota terá uma equipe de comunicação! Fique a vontade para interagir, conversar, fazer acordos e participar da equipe!

Cada comunicador deverá ficar atento as questões problematizadoras, as experiências vivenciadas e os espaços de socialização e diálogo, como as rodas de conversa e/ou as aulas públicas. Ao final de cada dia os relatores (texto e gráfica), fotógrafos e filmadores devem fazer uma pequena reunião para preparar e tratar o material colhido, se possível divulgando o material pela internet.

**Atenção! É importante a equipe de comunicação se precaver quanto ao acesso a internet! Alguns locais não terão internet disponível.**



## LISTA DE ORGANIZAÇÕES QUE ESTÃO CONSTRUINDO A CARAVANA

ABA – Associação Brasileira de Agroecologia  
ABRASCO – Associação Brasileira de Saúde Coletiva  
AGB – Associação de Geógrafos Brasileiros, seção local Vitória, Nitéroí, Rio de Janeiro e Viçosa  
AMA – Articulação Mineira de Agroecologia  
AMEFA – Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas  
ANA – Articulação Nacional de Agroecologia  
Arquidiocese de Vitória do Espírito Santo  
Associação de moradores de Regência  
Associação de Pescadores de Anchieta  
Associação de Pescadores de Maria Ortiz - Colatina  
Associação dos Pescadores de Barra do Riacho  
Cáritas Diocesano de Governador Valadares;  
CAT – Centro Agroecológico Tamanduá;  
Coletivo Pedra Negra  
Comboio Agroecológico do Sudeste  
Comunidade de Areal (Regência)  
Comunidade de Entre Rios (Regência)  
Comunidade de Mascarenhas - Baixo Guandu  
CPT – Zona da Mata – Comissão Pastoral da Terra – Zona da Mata  
CTA-ZM - Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata  
Diocese de Colatina – ES  
DPES - Defensoria Pública do Espírito Santo  
ECOA – Núcleo de Educação no Campo e Agroecologia UFV  
EFA Paulo Freire – Escola Familiar Agrícola Paulo Freire  
EFA Puris - Escola Familiar Agrícola Puris  
EFA Serra do Brigadeiro – Escola Familiar Agrícola Serra do Brigadeiro  
FETAEMG-GV – Federação Dos Trabalhadores da Agricultura do Estado de Minas Gerais  
Fórum Capixaba de Entidades em Defesa do Rio Doce  
Fórum Mineiro de Economia Popular Solidária  
Fórum Regional de Economia Solidária de Governador Valadares.  
Igreja Presbiteriana  
Indígenas Guarani  
Indígenas Krenak  
ITCP-UFV – Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares  
Levante Popular da Juventude  
LICENA- UFV – Curso de Licenciatura em Educação do Campo  
MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens  
MAM - Movimento pela Soberania Popular na Mineração  
MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores  
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra  
NAGÔ – Núcleo de Agroecologia de Governador Valadares – UFJF/GV  
NEDET-São Mateus – Núcleo de Desenvolvimento Territorial  
OCCA/UFES – Observatório de Conflitos no Campo/Universidade Federal do Espírito Santo  
ORGANON – Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Mobilizações Sociais - UFES  
Rádio Brota  
SEMA – Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Agricultura e Abastecimento de Governador Valadares  
SHIVA – Serviço Humanitário Informação Vida e Arte - Colatina  
Sindibancários ES – Sindicato dos Bancários do Espírito Santo  
SINDUTE MG (Subsede Ouro Preto e região) – Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais  
SINTUFES - Sindicato dos Trabalhadores da UFES  
SISPMC – Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Colatina - ES  
STR-GV – Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Governador Valadares  
TV CARAVELAS  
UFES - Universidade Federal do Espírito Santo  
UFJF-GV – Universidade Federal de Juiz de Fora-Campus Governador Valadares